

Aluno cria logomarca com uma semana de oficina



Bastou uma semana na oficina de mídias sociais para Erick Alexandre, 13 anos, chegar em casa com a criação de uma logomarca - peça de design que identifica ou representa uma entidade ou empresa. Foi o bastante para a mãe, Angélica Alexandre Soares, 34, ter a certeza de que valeu a pena matricular o filho na oficina de mídias sociais do Projeto Cultura de Direitos.

“Ele chegou todo bobo em casa mostrando a logomarca. Ficou linda. Antes de entrar na oficina, o Erick já mexia bem no computador, entrava em várias ferramentas, mas faltava habilidade para se desenvolver. Parece que ele já está adquirindo. Criatividade ele já tem de sobra”, disse a mãe, orgulhosa.

Angélica elogiou a iniciativa da Prefeitura de Maricá em implementar as videoaulas durante a pandemia. Segundo ela, a alternativa será muito bem-vinda pelos alunos porque os manterá em atividade, além da qualidade do ensino.

“Cheguei a pensar que as oficinas seriam suspensas. Foi um alívio geral. Os alunos gostaram muito da ideia. É uma maneira de manter os alunos estimulados a aprender cada vez mais”, avaliou.

Tudo o que Erick aprende na oficina repassa para a mãe. Ela, que pouco entrava nas redes sociais, como Facebook e Instagram, passou a ser usuária incondicional.

“Quem não estiver atualizado com a Internet, fica para trás no mundo de hoje. Faz parte do dia-a-dia de todos. Aprendi muito com ele. Pretendo me matricular também, além da oficina de canto”, destacou.

Além do curso de mídias sociais, Erick faz oficina de violão e percussão. Segundo a mãe, os cursos ajudaram o filho a se concentrar mais no dia-a-dia.

“Ele era muito desligado, distraído com as tarefas da escola. A partir das oficinas, o Erick ficou mais atento e centrado nas atividades. Não vejo a hora de matricular o meu filho caçula. Ele tem 6 anos e já fica observando o irmão a mexer no computador”, comentou.

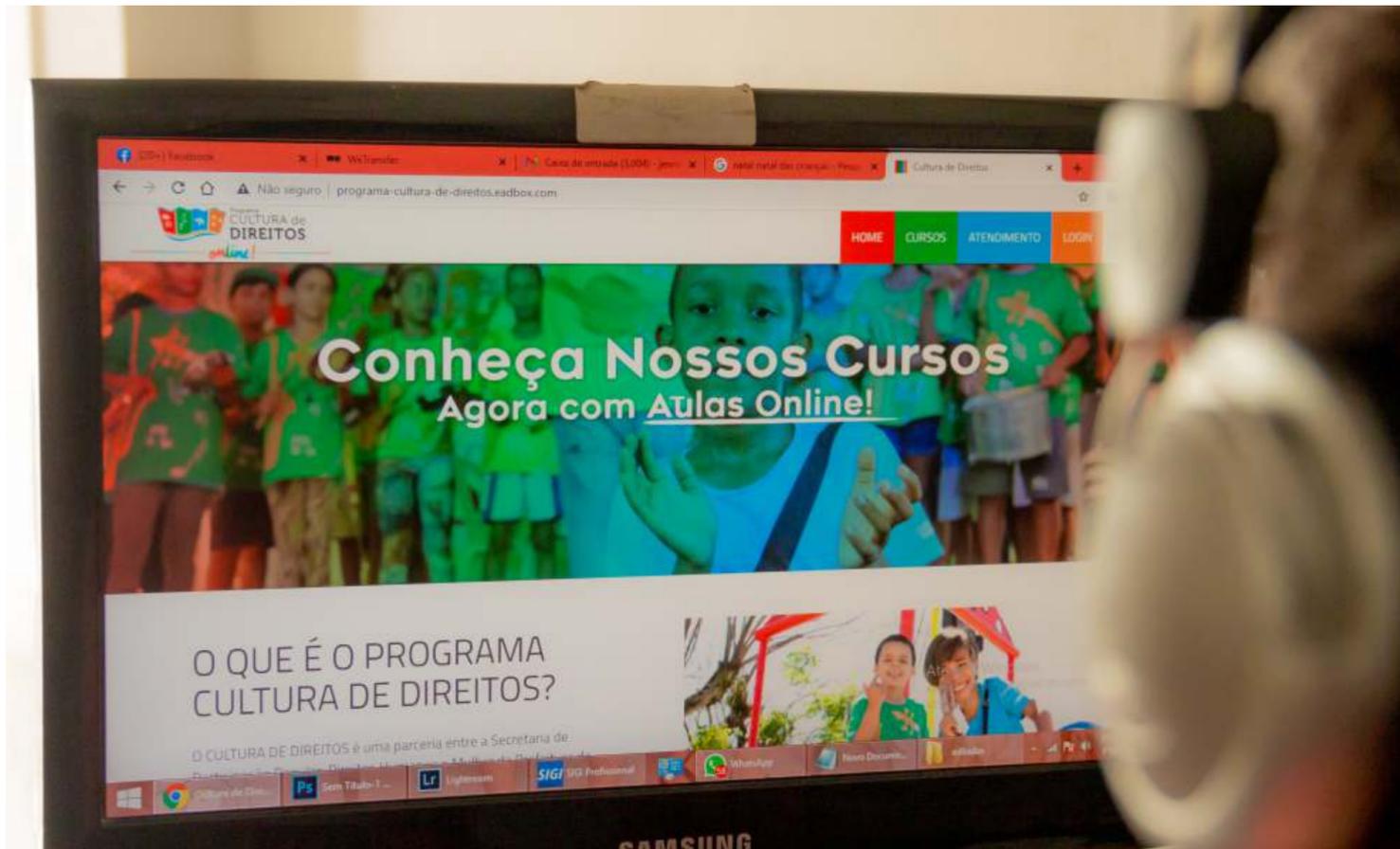


Programa
CULTURA de DIREITOS

Maricá - outubro de 2020 - ANO III, n 25

Alunos encontram futuro promissor através das oficinas

Pág. 2



Michele vibra com mudança de comportamento do irmão pela capoeira

Pág. 3



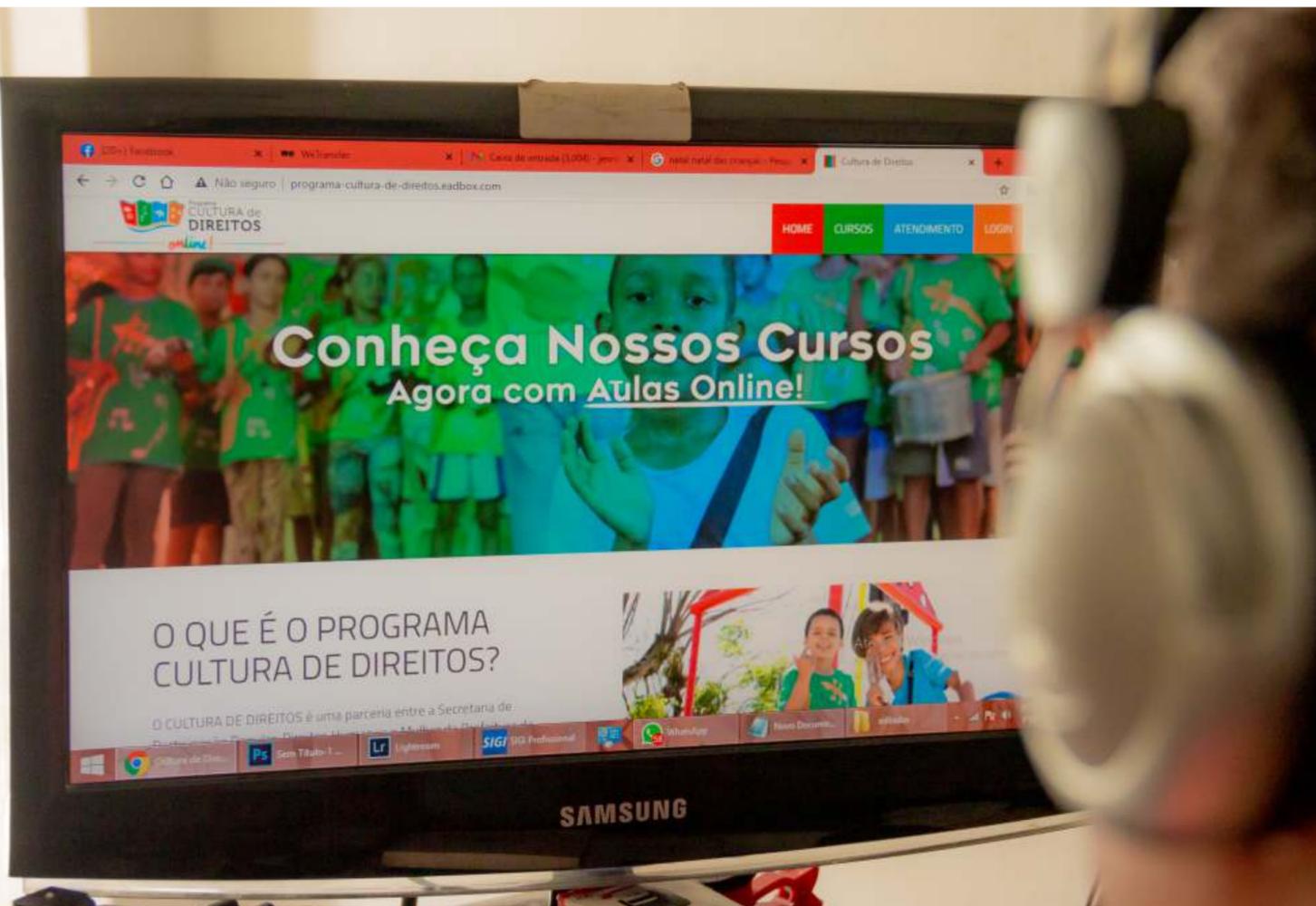
Maria Ivani e a filha Samara, talento reconhecido

Pág. 3



Oficinas transformam vidas e encaminham os alunos para o futuro

Psicóloga aprende a publicar post para oferecer tratamento on-line



As oficinas do Projeto Cultura de Direitos podem significar muito para a população de Maricá. Que o diga o adolescente Erick Alexandre, 13 anos. Com apenas uma semana de oficina de Mídias Sociais, ele criou uma logomarca que recebeu muitos elogios no município.

Foi o bastante para a mãe, Angélica Alexandre Soares, ter a certeza de que valeu a pena matricular o filho na oficina de Mídias Sociais.

A hora é de se reinventar. A pandemia de Covid-19 fez com que professores, instrutores e alunos de todo o país trocassem os quadros e as carteiras escolares pelas telas e pelos aplicativos digitais. Com o Projeto Cultura de Direitos não foi diferente. O isolamento social fez com que as videoaulas fossem implementadas para substituir, temporariamente, as aulas presenciais.

Quando souberam da novidade, os alunos ficaram aliviados, pois temiam

ficar muito tempo sem as aulas das oficinas. A expectativa foi grande e o resultado, mais do que positivo. O conteúdo é gerado por instrutores que refizeram as aulas, passaram novos exercícios e gravaram em vídeo os conteúdos das disciplinas. Deu tudo certo! Todos se adaptaram bem à nova ferramenta. Sem falar no grupo de Whatsapp criado para tirar dúvidas.

Nesta edição, vamos mostrar também exemplos de superação e transformação na vida dos alunos.

Há alguns meses, a psicóloga Ana Leite, 52 anos, decidiu procurar um curso de informática para aprender a lidar melhor com as redes sociais, em especial, o Instagram. Pretendia publicar posts direcionados a pessoas que sofrem de ansiedade, pânico e transtorno de estresse pós-traumático por conta da pandemia. Ao ver a evolução da filha, Omara Amanda, nas oficinas de roteiro, edição de vídeo e som, ela não pensou duas vezes.

“Minha filha conseguiu um bom emprego nessa área. Ela vibra com o que faz. Foi então que resolvi me matricular nas oficinas de mídias Sociais e audiovisual. Era tudo o que eu estava procurando. Vou criar e desenvolver posts, me baseando no que aprendi nas oficinas”, planejou.

Nem mesmo a pandemia, que levou a migração das oficinas para as videoaulas, desestimulou a psicóloga.

“A prefeitura valorizou a educação de uma população foi privilegiada com esse projeto”

“O importante é manter o interesse dos alunos. A parada das aulas presenciais geraram preocupação com o futuro das oficinas, mas o implemento das videoaulas foi uma grande alternativa porque o conteúdo continuará rico em

conhecimento e a didática gerada por profissionais é de alto nível”, elogiou.

Ana Leite considera as oficinas do Projeto Cultura de Direitos importante para a evolução da educação no município. Segundo ela, o programa acolhe a população.

“A prefeitura valorizou a educação de uma forma maravilhosa. A população foi privilegiada com esse projeto, que oferece conteúdo de alto nível e profissionais de ponta. E tudo isso de graça. Quem perdeu o pique, o emprego e projetos tem a oportunidade de um recomeço através do Projeto Cultura de Direitos. Um exemplo que pode alcançar até mais pessoas devido à sua qualidade”, analisou.

EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publicação Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colaboração nº 01/2018/Termo Aditivo nº 01/2020 / Endereço da Sede do Programa: Rua Pereira Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalista: Marcos Galvão RP: 17.356-RJ \ Textos: Edir Lima 17.515 JP / Assessor de Comunicação: Sergio Henrique/ Diagramador: Alexandre Campos/ Fotografia: arquivos do programa e da secretaria e Alexandre Campos / Impressão: C.W.V. Gráfica Editora e Bazar Eireli/ CNPJ 73.668.675/0001-87/, Avenida Beira Mar, 232, Aquarius (Tamoios), Cabo Frio, CEP 28.925-852/ Inscrição Municipal 10033568/ Tiragem 50.000 (cinquenta mil).

Oficina de cavaquinho preenche ausência dos filhos de Maria Aparecida



Maria Aparecida, 53 anos, ficou sem chão quando os dois filhos saíram de casa para seguir carreira militar, fora do município. Foi o começo de uma depressão. Mesmo fazendo faculdade de Veterinária, ela não conseguia preencher o vazio pela ausência dos filhos. Até que conheceu a oficina de cavaquinho, do Projeto Cultura de Direitos.

“Foi minha salvação. Minha amiga me convidou para conhecer o projeto. Quando vi crianças e adultos aprendendo a tocar cavaquinho, a reação foi imediata. Sempre desejei aprender. Fiz a matrícula na hora. Conheci o Claudinho Guimarães, que era um anjo para ensinar. Alguns meses depois, nem precisei tomar mais remédios para a depressão. Estou curada”, comemorou.

Um dado que chama a atenção de Maria Aparecida é sobre as

oportunidades geradas pelo Projeto Cultura de Direitos. Ela lembra que a maioria dos programas públicos são direcionados para crianças e idosos.

“As crianças e idosos são os maiores beneficiados de projetos públicos. Aqui, no Programa Cultura de Direitos, é de 8 ao 80”

“As crianças e idosos são os maiores beneficiados de projetos públicos. Aqui, no Programa Cultura de Direitos, é de 8 ao 80. Crianças, idosos e adultos são valorizados. Você pode encarar como um

passatempo, mas pode ser o começo de uma profissão, de um sonho, de um complemento para o seu futuro. E sem pagar nada por isso”, elogiou.

A dona de casa exalta o acolhimento que recebeu ao procurar informação sobre as oficinas.

“Os funcionários são treinados para acolher a população em qualquer situação. Muitos chegam aqui, já querendo ir embora por entender que não vão encontrar o que querem. Os funcionários estimulam a população a conhecer os cursos, convidam para assistir uma aula para saber o que mais lhes chama a atenção. Isso é muito gratificante. Não tem preço”, apontou Maria Aparecida, que já pensa e se matricular na oficina de canto.

Michele exalta a transformação do irmão Kaio com a prática da capoeira



Os olhos de Kaio Otávio da Silva, 9 anos, brilham quando o assunto em casa é sobre a capoeira. A irmã, Michele Paula Vieira, 22 anos, vibra com o interesse do irmão pela atividade, especialmente pela mudança de comportamento.

“A oficina de capoeira transformou o meu irmão. Ele ficou mais atencioso e comunicativo, mais carinhoso com a família. Agradeço muito as orientações do instrutor e da coordenadora Andreia. Eles conversam com as crianças sobre comportamento e interação com as pessoas. Meu irmão hoje é outra criança”, comentou.

A pandemia foi motivo de muita preocupação para Michele. Além do medo da doença, ela temeu que Kaio ficasse sem as aulas de capoeira.

“Nem sei o que seria do Kaio e de outras crianças que fazem capoeira. Eles gostam muito. Meu irmão acompanha direitinho os movimentos que o instrutor ensina no vídeo. Depois, fica repetindo várias vezes

“A oficina de capoeira transformou o meu irmão. Ele ficou mais atencioso e comunicativo, mais carinhoso com a família.”

na sala. Ele tira de letra. O mestre, como o meu irmão faz questão de chamar, ensina muito bem”, elogiou.

A alegria de Kaio pode ser constatada na

comparação que fez da capoeira com o futebol.

“Gosto mais de capoeira. Eu brinco mais, tem mais ginga. Eu jogo mais ou menos futebol, mas sou muito bom na capoeira. Melhor que meus colegas”, gabou-se.

O prazer de Kaio contagiava a irmã Michele Paula, a ponto de despertar um velho interesse: a paixão por canto e violão. Em breve, provavelmente, no início do ano que vem, ela pretende se matricular nas duas oficinas.

“Adoro cantar e sempre tive vontade de aprender a tocar violão. Já assisti algumas aulas e fiquei encantada. Não fiz ainda por conta de compromisso com o trabalho. Mas vou me organizar para realizar esse sonho”, prometeu.

María Ivani comemora a transformação da filha Samara



Até o ano passado, María Ivani, 55 anos, se incomodava com a timidez da filha Samara Coelho, de 16 anos. Nada de errado em ser tímida, mas segundo a mãe, o mundo exige mais interação das pessoas. Quando soube das oficinas do Projeto Cultura de Direitos, comemorou.

“Passei a interagir mais com as pessoas. Fiquei mais concentrada na escola. Passei a ter melhores notas nas provas”

“Nem acreditei quando me falaram sobre as opções de cursos

oferecidos. Conversei com a minha filha e ela gostou muito da ideia e optou pelos cursos de canto e teclado. Foi uma transformação”, apontou.

Samara sempre foi reservada e introvertida. Com três aulas, a família já sentia a diferença.

“Passei a interagir mais com as pessoas. Fiquei mais concentrada na escola. Passei a ter melhores notas nas provas. As orientações dos instrutores me ajudaram muito. Aumentei até o meu ciclo de amizades”, brincou. A evolução no canto e no teclado pode ser vista a cada aula.

“Os instrutores elogiam a facilidade que ela tem em aprender. Antes, por conta da timidez, era mais complicado. Agora, nem pensar em faltar aula. Já fala até em

fazer outras oficinas. O projeto ajudou muito a minha filha. Ela participa mais das atividades”, observou.

María Ivani elogiou a metodologia de ensino das oficinas do Projeto Cultura de Direitos. Segundo ela, além do conteúdo de cada oficina, os instrutores e coordenadores incentivam os alunos a interagir e a respeitar o próximo, dentro e fora de casa.

“Toda a criança precisa de suporte e apoio para entender o que ela sente. Os instrutores e coordenadores são profissionais de alto nível e conseguem despertar e fazer evoluir o melhor do aluno. Isso é fundamental para o crescimento de qualquer um. Minha filha evoluiu muito depois que entrou para as oficinas”, comparou.

Aluna de violão, capoeira e mídias sociais tira de letra orientações durante vídeoaulas



Poucos dias antes da pandemia, Catarina Penha foi apontada como a melhor aluna da oficina de violão do Projeto Cultura de Direitos. Um orgulho para a família. Sem falar que já se destacava nas aulas de mídias sociais e na capoeira.

Com o isolamento social, devido ao coronavírus, os alunos do projeto ganharam o auxílio de vídeoaulas para manter as atividades. Catarina só reclamou da ausência das colegas e dos instrutores, mas soube lidar com a nova metodologia.

“Pensei que fosse achar difícil as vídeoaulas de violão, mas não tive problemas. Tirei de letra também nas aulas de capoeira e mídias sociais. Os professores ensinam muito bem e ainda temos a ajuda de um grupo no whatsapp, se houver alguma dúvida. Mas o que eu gosto mais é a capoeira”, explicou Catarina.

A mãe, Rosana Penha, ficou surpresa com o empenho da filha na capoeira, sabendo de sua preferência pelo violão.

“Ela sempre gostou de violão. Tinha muita

“As oficinas ensinam e socializam os alunos. O nível dos instrutores é alto e, tudo isso, de graça”

vontade de entrar em um curso. Tem evoluído bem a cada aula. Já na capoeira

fica empolgada sempre. Sem falar nas mídias sociais, onde já aprendeu a mexer em várias ferramentas. As oficinas ensinam e socializam os alunos. O nível dos instrutores é alto e, tudo isso, de graça”, exaltou.

Rosana Penha lembrou de sua desconfiança sobre a adaptação da filha Catarina ao se mudar do Rio de Janeiro para Maricá.

“Fiquei pensando que ela teria dificuldade para se adaptar à nova vida. Aos colegas, à escola e depois à oficina. Não teve problema nenhum. Fez várias amizades e se adaptou primeiro às oficinas, depois à escola. Outro lado bom foi o custo zero para isso tudo. No Rio de Janeiro, o custo era alto para mantê-la nas aulas de judô e dança. Aqui é tudo de graça”, comemorou.